

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA COMO EXPERIÊNCIA FORMATIVA

Maria Betânea Oliveira Ferraz

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Resumo: Este trabalho se refere a uma autobiografia, no que tange a minha trajetória escolar como experiência formativa, onde descrevo cada etapa com vistas à compreensão do leitor de todo o contexto. Objetivo propiciar uma reflexão das dificuldades, obstáculos e falta de políticas públicas efetivas que inclua todos os indivíduos, assegurando-lhes os direitos garantidos pelas legislações do país, bem como provocar um diálogo sobre os limites e as possibilidades da formação de professores. A partir do perfil de cada docente que encontramos em nossa trajetória escolar, para uns podem ser inspiração e para outros modelos a não ser seguidos. Essas experiências que temos ao longo da vida podem interferir sobre a escolha de ser ou não ser professor e/ou que modelo de professor queremos ser. Este relato é fruto de uma disciplina de mestrado denominada Pesquisa e Formação de Professores de Ciências e Matemática. Dentro de uma abordagem qualitativa, permitiu um olhar para a trajetória, considerando a reflexão do contexto no qual os sujeitos se desenvolvem profissionalmente e sobre os indivíduos na sua integralidade. Esses saberes da experiência afloram na profissão docente, baseados em teóricos como: Saviani (2009), Bondía (2002), Tardif e Raymond (2000), Souza (2006; 2007), Passeggi e Vicentini (2011), abriram os olhos para a narrativa da experiência formativa.

Palavras-chave: Autobiografia. Educação. Relato de experiência.

1 Introdução

Este trabalho é uma descrição reflexiva da trajetória acadêmica de Maria Betânea Oliveira Ferraz, Licenciada em Ciências da Natureza pela Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF e atualmente mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Formação de Professores da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Ser professora, para mim, era um sonho, que se tornou realidade ao longo de cada experiência vivenciada.

Por meio desta autobiografia me proponho apresentar meu percurso acadêmico desde a infância e uma reflexão a respeito da educação, sua realidade e seus percalços. Traçando uma linha imaginária no tempo permitindo ao leitor “enxergar” os diversos perfis das escolas brasileiras e seus desafios.

O trabalho autobiográfico é vantajoso do ponto de vista da propriedade ao falar da temática escolhida. Corroborando com Souza (2006), relatos de vida, sejam eles pessoais ou não, permitem compreender uma vida, a vivenciada pelo sujeito em diversos contextos, os

relatos permitem expor diversas situações, contextos e variedades de experiências dos indivíduos.

Na autobiografia “existe uma eliminação do pesquisador, porque a expressão de sentido e a construção da experiência centram-se na singularidade e subjetividade do sujeito” (SOUZA, 2006, p. 27), portanto, a autobiografia permite um melhor entendimento da trajetória do sujeito na sua integralidade, e possibilita compreender melhor a complexidade de diversas vertentes, os diferentes saberes produzidos pelo docente, sua história pessoal, coletiva e os marcos que o acompanharam na trajetória profissional, “se compreendem os fenômenos sociais como textos e a interpretação como atribuição de sentidos e significados das experiências individuais e coletivas” (SOUZA, 2007, p. 65). O autor afirma ainda que,

Através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes. A centralidade do sujeito no processo de pesquisa e formação sublinha a importância da abordagem compreensiva e das apropriações da experiência vivida, das relações entre subjetividade e narrativa como princípios, que concede ao sujeito o papel de ator e autor de sua própria história. (SOUZA, 2007, p. 69).

O trabalho autobiográfico permite ao autor narrar sua trajetória de vida, possibilitando um crescimento intelectual que lhe permite ser o protagonista de sua história e autor da sua própria prática no cotidiano escolar, permitindo olhares quanto ao contexto e à cultura do sujeito. Esse movimento possibilita uma reflexão aprofundada da sua formação, com um olhar mais crítico e autêntico. Para uma melhor compreensão do texto, o estruturamos em cinco tópicos: introdução; procedimentos metodológicos, resultados e discussões e considerações finais.

2 Procedimentos Metodológicos

Para escrever o relato autobiográfico da experiência, tive como base discussões vivenciadas na disciplina Pesquisa e Formação de Professores de Ciências e Matemática, durante o segundo semestre do Programa de Pós-graduação do mestrado acadêmico, como já mencionado, por meio das leituras e das reflexões em que discutiam o conceito de “professor reflexivo” permitindo uma melhor compreensão da profissão docente, tendo o educador como sujeito que pode pesquisar e refletir sobre si, levando em conta seu contexto e docência, com vistas à compreensão da docência através da história da trajetória escolar. Corroborando com Passeggi, Souza e Vicentini (2011):

Trabalhos, baseados nas histórias de vida como método de investigação qualitativa e como prática de formação, procuram identificar, nas trajetórias de professores, questões de interesse para a pesquisa educacional, entre as quais: as razões da escolha profissional, as especificidades das diferentes fases da carreira docente, as relações de gênero no exercício do magistério, a construção da identidade docente, as relações entre a ação educativa e as políticas educacionais. (2011, p. 370).

As discussões durante a participação na disciplina me possibilitaram enxergar novas maneiras de ver e compreender o “eu professora” e a escolha pela profissão, viabilizando a reflexão da responsabilidade enquanto educadora integrante de uma comunidade, reivindicando direitos e valorizando os saberes construídos ao longo da experiência de vida.

Para que eu refletisse sobre minha própria caminhada escolar, foram utilizados alguns teóricos como Passeggi, Souza e Vicentini, (2011); e Souza, (2006) que colaboraram com os estudos sobre autobiografia e os autores Bondía, (2002); Saviani, (2009); Tardif, e Raymond, (2000) que discutem sobre a formação de professores. A partir desses autores, pude ver questões que vivenciei, que estão para além da simples “vida escolar”. Nelas estão implícitas, ideologias, políticas públicas, contexto do sujeito, bem como o que constitui a escolha ou a condição de ser professor (a), pois acredito que a escolha pela profissão, traz subjetivamente uma luta por melhorias na educação e uma luta pela valorização docente.

3 Resultados e Discussão

Era o ano 2000, com 07 anos e 10 meses de idade quando comecei a estudar na antiga 1ª série. Para chegar à escola que ficava a 6 km de casa, na comunidade Salú - Campo Alegre de Lourdes (CAL), no estado da Bahia, eu precisava percorrer o trajeto todos dias, por morar em uma localidade e estudar em outra. Embora a Constituição Federal (1988), traga em seu Art. 208, e inciso I, a garantia do direito a: “educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria”, (BRASIL, 1988, p.123) não tive acesso à escola na idade assegurada pela constituição.

Na Lei de Diretrizes e Bases (9394/96) em seu Art. 11, inciso VI, diz que é dever dos Municípios incumbir-se de “assumir o transporte escolar dos alunos da rede municipal” (BRASIL, 1996, p. 14), entretanto, apesar de ser um direito previsto em lei, não tínhamos transporte escolar, e juntamente com um irmão mais novo, íamos montados em animal (burro), ou em bicicletas (duas) dos primos maiores, que também estudavam na mesma

escola; difícil era quando furavam os pneus, então as escondíamos nas moitas de árvores e íamos a pé, deixando uma das bicicletas em condições de uso para meu irmão e um primo - que eram menores, e assim, durante todo o ano, fazíamos o percurso de burro, de bicicleta e andando a pé.

Na escola, havia um único professor para uma sala multisseriada¹ e que ainda fazia uso da palmatória. Sua formação era o ensino médio, que para a época era o que tínhamos, principalmente por ser a primeira oportunidade de estudar perto de casa. A escola era uma extensão de uma escola da sede de Campo Alegre, não tinha prédio próprio, funcionava na casa de meu tio, que foi solicitar junto à prefeitura um educador para a comunidade onde morava. A secretária de educação levou as cadeiras, quadro negro e giz.

Enquanto criança fazer o percurso até a escola era motivo de felicidade, tínhamos como referência de partida (o horário de casa para a escola) o jornal da rádio que começava ao meio-dia. Já no primeiro dia, ganhamos um livro de primeira série, e era tudo novidade.

Em 2001, já na 2ª série, a pedido da comunidade junto à prefeitura, a Secretária Municipal de Educação e o Prefeito disponibilizaram mais um turno para o professor que dava aulas na comunidade Salú, e o educador passou a dar aulas na minha comunidade, Calumbim de Baixo-CAL, pela manhã. Portanto, os alunos da comunidade Calumbim, passaram a estudar na própria comunidade e a escola funcionou em uma sala anexada à casa da minha avó, que estava sem morador há alguns anos; mesas grandes de jantar e bancos de madeiras, era o que nós usávamos. O quadro era de cimento e foi construído pela própria comunidade. A merenda era a hora mais esperada e era feita por minha mãe, pois não tínhamos merendeiro/zeladora. Durante os nossos intervalos tínhamos longas brincadeiras, momentos em que muitas vezes não retornávamos mais a sala de aula. Nessas ocasiões, o professor brincava conosco – às árvores compunham o nosso parque de diversões.

Assim passamos o ano letivo de 2001, período em que alguns pais não estavam satisfeitos com as aulas que estávamos tendo e, no final do mesmo ano, meu pai decidiu atender ao pedido de uma prima que residia em um povoado denominado Lagoa da Pedra, município de Pilão Arcado-Ba, me deixando morar com ela para cuidar de seus filhos e assim estudar. Nesse município, a escola tinha prédio próprio, sendo dividida da seguinte forma: 04 (quatro) salas de aulas, uma secretária, uma cozinha, e 02 (dois) banheiros, tinha uma cerca feita com madeira e arame farpado, tinha diretor, secretários, porteiros, e as séries já eram separadas. Em relação a muitas escolas da região, esta era organizada quanto à estrutura física

¹ Multisseriadas é “a junção de grupos de alunos de diferentes faixas etárias, matriculados em diferentes séries/anos, com um único professor, todos num mesmo espaço” (PARENTE, 2014, p. 58).

e o corpo docente. O contato com uma escola maior e melhor estruturada culminou em novas experiências, que foram delineando a minha caminhada escolar. Quanto à formação dos professores, na época a formação era magistério, que habilitava profissionais para ministrar aulas.

Bondía (2002, p. 21) afirma que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca”, portanto, os acontecimentos marcaram como experiência de vida pessoal e acadêmica no que concerne com a escolha profissional, que de certo modo foi motivada pelas dificuldades, e pela vontade de contribuir com a sociedade, para que a educação melhore, e todos (as) possam democraticamente acessar e manter-se nas escolas.

Em 2002, comecei então o ano letivo na Escola Municipal de Lagoa da Pedra, localizada em Lagoa da Pedra, Pilão Arcado-Ba. Na 3ª série, tive uma professora na escola da sede destinada a dar aulas no interior, que dava todas as matérias para a turma, onde já tinha uma diferença entre escolas, pois não era multisseriada e a não havia grandes diferenças de idade entre os alunos. A escola tinha vários funcionários e funcionava nos três turnos, sendo minha série no turno matutino. Tínhamos porteiro, e com isso precisávamos entrar e sair na hora determinada pela escola.

Em 2003, na 4ª série e última dos anos iniciais do ensino fundamental, na mesma escola tive um professor que dava aulas de todas as disciplinas, sendo professor único da minha turma do turno matutino.

As metodologias tradicionais, eram ainda mais fortes, não tínhamos livros e com isso copiávamos do quadro os conteúdos que o professor escrevia - esse seria nosso material de estudo e com base nesses conteúdos fazíamos atividades e provas. A preocupação era ter boas notas e para meu auxílio, recorria às madrugadas silenciosas para decorar as folhas escritas à caneta para fazer a prova. Nessa direção, Bondía (2002, p. 21) diz que “a cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece” e era isso que por anos ocorria nos anos letivos, os saberes escolares descontextualizados do dia a dia do estudante eram decorados para a prova, ficando pouco significativo o aprendizado. Mesmo diante de vivenciar vários percalços, agradeço imensamente por ter aprendido a pensar, coisa que só a educação é capaz de nos possibilitar.

Em 2004, iniciei a 5ª série no turno vespertino, na mesma escola mencionada acima, com maiores mudanças no que se refere ao número de disciplinas e professores, pois ainda que alguns professores estivessem ministrando mais de uma disciplina, comparando com os anos iniciais do ensino fundamental, o aumento do número de professores era evidente. E

assim, nos anos seguintes, em 2005 cursei a 6ª série e em 2006 a 7ª série. Basicamente, o corpo docente se manteve no decorrer desses anos. Nesse período escrevíamos muito, seja por meio de cópias que fazíamos da lousa, seja por meio de ditados que o professor fazia ou por meio de cópias que fazíamos dos livros, pois, o número de exemplares não atendia a todos os alunos. Essas dificuldades comprometiam ainda mais o aprendizado, pois, o conteúdo era excessivamente reduzido, pois, gastávamos muito tempo copiando do que fazendo outras atividades como leitura, discussão, exercícios, etc. O tempo gasto copiando o conteúdo das disciplinas durante esse ano gerou uma média de quatrocentas páginas escritas em meu caderno, tempo que poderia ser otimizado com estratégias efetivas de aprendizagem. As provas eram feitas à mão, e passadas no mimeógrafo², a quantidade dependia do número de alunos.

Em 2007, me mudei para São Raimundo Nonato – Piauí, período em que fui residir com a minha avó paterna e cursar a 8ª série no colégio estadual, denominada Ginásio Moderno, que foi transformado posteriormente em escola de tempo integral, hoje, Centro de Ensino Médio de Tempo Integral Moderna - CEMTI. Recomeços sempre têm seus percalços, e um novo recomeço para mim, dava-se início. A estrutura da escola era bem diferente do que eu conhecia até então - um Colégio com um enorme quadro de funcionários, muitas salas de aulas, banheiros grandes, e uma diferença significativa quanto aos alunos, pois, antes a minha convivência era com alunos do interior, nos tratávamos iguais, pois, além de nos conhecermos na vida escolar, nos conhecíamos do cotidiano.

Inevitavelmente a mudança para a cidade foi difícil, pois, a sala de aula da escola da cidade era composta em 95% por alunos do espaço urbano, o que implica em diferenças notórias em relação aos estudantes oriundos do campo. Por isso, o primeiro passo naquele momento era me adaptar aos novos costumes, às situações e às novas vivências que estavam longe da minha realidade até então. Questões como: tratamentos com indiferenças e rejeição direcionadas a mim, eram corriqueiros - o que me distanciava gradativamente da turma, tornando o entrosamento com os colegas cada dia mais distante. Melhorou quando uma aluna do interior de uma cidade vizinha chegou à turma, e desde o primeiro encontro nos sintonizamos. A partir daí os dias letivos ficaram mais leves, como se tivéssemos um código subjetivo que nos ligava. A colega, oriunda do campo, “salvou-me” da tristeza que assolava meu trajeto a pé da casa da minha avó, até a escola.

² Mimeografo é uma “máquina para realizar cópias, com um original escrito ou desenhado em relevo” “**mimeografo**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/mimeografo> [consultado em 16-12-2020].

De cada ano, de cada turma que fiz parte, carrego um pouquinho de muitos professores, a esse respeito trago as palavras de Bondía (2002), o saber da experiência nos permite dar sentidos aos acontecimentos, por tanto é o que se passam em nós, muitas vivências me causavam emoção, alegria e entusiasmo, outros causavam medo e insegurança, mas que de alguma forma todos (as) contribuíram para construção quanto aluna, pessoa, profissional e cidadã.

Uma das vivências a que me refiro foi à notabilidade da professora de ciências para comigo, ao perceber que estava cada dia mais triste nas aulas, e sem comunicar-me com a turma, parou a aula para conversar comigo e, posteriormente, com a turma. Isso confirma o que Tardif e Raymond (2000, p. 213) trazem no seu trabalho, se referindo sobre saberes docentes, para eles “os saberes que servem de base para o ensino, tais como são vistos pelos professores, não se limitam a conteúdos bem circunscritos que dependeriam de um conhecimento especializado”, ficando nítido que naquele momento a professora usou saberes que trazia em sua prática, e que foi eficaz no momento específico, evidenciando que a prática docente é complexa e diversa.

Em 2008, iniciei o ensino profissionalizante em uma turma de 1º ano de Ensino Médio. Para o ingresso nessa escola, denominada CEEP-Centro Escolar de Ensino Profissional - Gercílio de Castro Macedo, participei de um teste com 40 questões de português e matemática. Com a aprovação, fiz a matrícula em um ensino médio que durou 04 anos.

No momento, o objetivo era concluir o ensino médio com uma profissão e assim trabalhar para melhorar a vida, ilusoriamente pensava que um salário me possibilitaria grandes coisas. Na turma que ingressei, era a segunda de Técnico em Enfermagem na nova modalidade do colégio, pois a primeira começou em 2007. Com a transição que o colégio passava, enfrentamos muitos desafios, entre outros, a falta de professores para determinadas disciplinas e a falta de substitutos para assumir disciplinas de professores e professoras que por algum motivo ficaram afastados. Aconteceu em alguns casos de aparecer professor já encerrando o ano letivo, a exemplo: passamos seis meses sem professor para a disciplina de química, pois a professora responsável tirou licença-maternidade.

O Estado teve dificuldade para contratar professores de áreas técnicas como: enfermeiros (as), contadores (as), turismólogos (as), e outros profissionais de cursos distintos que funcionavam no colégio. No nosso caso, do curso Técnico em Enfermagem, não tinha laboratórios para aulas práticas, o que dificultava além do entendimento de conteúdos relacionados ao corpo humano e à fisiologia, impossibilitava a realização de procedimentos, o

que me levava, por exemplo, a solicitar a familiares que me permitissem a realizar punções venosas em seus próprios corpos. Corroborando, Passeggi, Souza e Vicentini (2011, p. 371), afirmam que “diante da desestruturação das instituições socializadoras tradicionais, que normalizavam o curso da vida, o indivíduo é confrontado aos imperativos da autorrealização, da autoformação”.

A falta de equipamentos de Proteção Individual (EPI's) - não tínhamos condições financeiras para comprá-los - e o prejuízo em relação a conteúdo das disciplinas que compunha o ensino médio integrado/profissionalizante (com 04 anos de duração), causava evasão e levava muitos alunos para o ensino médio normal/regular (com 03 anos de duração). Aconteceu de uma enfermeira, dar aulas sem receber – esta profissional nos presenteou com 04 meses de trabalho voluntário para que pudéssemos cumprir a carga horária e concluir o curso. Ressalto que a dificuldade não era só a falta de professores no mercado (o que nos deixava meses sem aulas de algumas disciplinas), mas também o descompromisso do governo do estado em pagar os docentes contratados.

Sobre os problemas que os professores enfrentam, Saviani (2009) fala:

A questão da formação de professores não pode ser dissociada do problema das condições de trabalho que envolvem a carreira docente, em cujo âmbito devem ser equacionadas as questões do salário e da jornada de trabalho. Com efeito, as condições precárias de trabalho não apenas neutralizam a ação dos professores, mesmo que fossem bem formados. Tais condições dificultam também uma boa formação, pois operam como fator de desestímulo à procura pelos cursos de formação docente e à dedicação aos estudos. (SAVIANI, 2009, p. 153).

A cada etapa do curso, focava mais nas disciplinas do técnico em enfermagem, que se relacionava com biologia, pois, eu precisava saber na prática fazer o que a profissão exigiria. Ao final ficou nítido que aprendi significativamente sobre as disciplinas relacionadas à saúde, embora tivesse conseguido aprovação nas demais, o aprendizado não foi satisfatório ao meu ver. Isso ficou ainda mais evidente quando ingressei no Ensino Superior.

No segundo semestre de 2014, ingressei no curso de licenciatura de Ciências da Natureza na Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF. Foi nesse período que percebi o quanto os conteúdos básicos me faltavam, e para conseguir acompanhar o nível universitário tive que recorrer aos livros do ensino médio e até mesmo fundamental, e só após entender alguns conceitos básicos estudava os conteúdos que os professores da universidade recomendavam. Vale salientar que conteúdos, não vistos na educação básica, impacta

diretamente o desenvolvimento em níveis mais elevados, e foi quando tive a nitidez do quanto importante é uma educação básica de qualidade.

Na universidade um grande obstáculo foi conciliar a vida acadêmica, sendo o curso noturno, com o trabalho de dia; outro, foi precisar recorrer às fontes básicas, para poder acompanhar os conteúdos da graduação. Foram vários desafios no decorrer de cada período, mas foram anos de muita superação, aprendizado e descobrimento; sim, descobrimento de um mundo desconhecido, que ao percorrer caminhos acadêmicos, ficava cada vez mais evidente do quanto tinha/tenho para aprender e descobrir esse mundo do conhecimento, que é fascinante e prazeroso, por vezes, doloroso também.

De acordo com Saviani (2009), a educação é via para atacar todos os problemas do país, pois a partir dela a sociedade estará preparada intelectualmente e criticamente para atuar nos diversos campos sociais.

Saviani (2009) defende ainda que,

Eleger a educação como máxima prioridade, definindo-a como o eixo de um projeto de desenvolvimento nacional e, em consequência, carrear para ela todos os recursos disponíveis. Assim procedendo, estaríamos atacando de frente, e simultaneamente, outros problemas do país, como saúde, segurança, desemprego, pobreza, infraestrutura de transporte, de energia, abastecimento, meio ambiente etc. (Saviani, 2009, p. 153).

Por tanto, o que falta são políticas públicas capazes de solucionar de fato os dilemas que assolam a educação em diversos campos, e assim tornar o conhecimento democrático, e não objeto de disputa, arrogância e desigualdades entre as sociedades, que lhes faltam oportunidades para aprender.

As aulas práticas foram de grande importância para conhecermos e aprendermos diante da natureza, sendo algumas realizadas no Parque Nacional Serra da Capivara, e outras no laboratório da universidade. A licenciatura além de nos preparar para uma profissão que é ser professor possibilita crescimento intelectual e pessoal. Considero que o conhecimento é um “descortinar” dos olhos, uma imensidão ao horizonte, nos coloca a luz de um mundo antes desconhecido, e uma ideia do quanto há para desvendar.

A Educação é um direito dos sujeitos que vivem em sociedade, e para acontecer é essencial que as políticas públicas invistam e incentivem a valorização dos professores. O relato autobiográfico apresenta a vida pessoal e profissional repleta de saberes que vão além dos conteúdos pragmáticos, sendo indissociável do “eu”, corroborando com Tardif e Raymond (2000):

O professor é uma pessoa completa, com seu corpo, suas emoções, sua linguagem, seu relacionamento com os outros e consigo mesmo. Ele é uma pessoa comprometida em e por sua própria história – pessoal, familiar, escolar, social – que lhe proporciona um lastro de certezas a partir das quais ele compreende e interpreta as novas situações que o afetam e constrói, por meio de suas próprias ações, a continuação de sua história. (TARDIF; RAYMOND, 2000, p. 235).

Discussões a respeito das histórias da vida dos profissionais docentes são importantes para que possamos ser considerados e vistos na integralidade como pessoa, reivindicando direitos e valorizando os saberes construídos ao longo da experiência de vida, refletindo o que constitui a vida dos docentes, considerando suas peculiaridades e saberes construídos ao longo das suas vidas.

4 Considerações Finais

O relato de experiência apresentado é produto do meu percurso formativo e de uma disciplina de mestrado. A fundamentação teórica permitiu estabelecer uma conexão entre minha trajetória acadêmica e formação de professores, sendo notória a importância do cotidiano para a formação profissional, considerando que a formação de professores não é separada da sua vida pessoal. Fica evidente nesse relato, que o “tempo da infância, da escola, da formação profissional, do ingresso na profissão...”, (TARDIF e RAYMOND, 2000, p. 237), ou seja, é impossível dissociar o sujeito na sua integralidade, do docente que sempre vai sempre carregar suas crenças, ideologias, e seus contextos de desenvolvimento quanto um ser complexo.

A proposta do artigo partiu da reflexão da minha formação docente, resgatando no sentido amplo a formação de sujeito, levando em conta as inúmeras dificuldades que precisei superar, e o quanto o sistema educacional ainda precisa avançar, para assim garantir uma educação de qualidade e igualitária para todos os cidadãos, além de traçar um perfil do sistema educacional das escolas do campo de municípios brasileiros.

Trabalhos que trazem vivências que explicitam o sistema educacional, são importantes e fundamentais para que se possa debater sobre questões ainda necessárias quanto a precarização e a falta de políticas públicas que garantam na prática uma educação eficiente para a sociedade, que só pode crescer intelectualmente com uma educação digna e de qualidade.

5 Referências

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr, nº 19, p. 20- 28, 2002.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf.

Acesso em: 15 de dez. de 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394**, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/572694>. Acesso em: 15 de dez. de 2020.

"**MIMEOGRAFO**", In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020, <https://dicionario.priberam.org/mimeografo> [consultado em 16-12-2020].

PARENTE, C, M, D. Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro. **Ensaio: Aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014.

SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação** v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

SOUZA, E C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

SOUZA, E. C. de (Org.) (2006). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Salvador/ Bahia: EDUNEB – EDIPUCRS.

SOUZA, E, C de; PASSEGGI, M, C, de; VICENTINI, P, P;. Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto)Biográfica, Docência Profissionalização. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v.27, n.0, p.369-386, abr, 2011.

TARDIF, M. & RAYMOND, D. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 73, Dezembro/00.